

## 2 EMPREGO E RENDA

O mercado de trabalho mostrou, nos últimos meses de 2004, a continuidade da evolução positiva que caracterizou o desempenho de seus principais indicadores ao longo do ano: segundo a PME/IBGE houve um aumento significativo do nível de ocupação, ampliação do número de vagas formais no setor privado e redução da taxa de desemprego. Nesse contexto de retomada do dinamismo do mercado de trabalho, duas ordens de preocupações se acentuaram no último trimestre do ano: os rendimentos médios reais, cujo processo de recuperação sofreu uma interrupção, e os empregos sem carteira assinada, que tiveram forte expansão em dezembro.

Os dados de janeiro de 2005, como esperado, indicam alguma retração desse dinamismo, típica do início de ano, quando o nível de ocupação costuma sofrer um recuo sazonal, trazendo consigo um aumento da taxa de desemprego. Entretanto, como contraponto positivo, registrou-se uma elevação dos rendimentos médios reais habitualmente recebidos segundo a PME (tanto na comparação com dezembro, quanto em relação ao mesmo mês do ano anterior).

O recuo da ocupação em janeiro correspondeu à perda de 268 mil postos de trabalho, redução esta, entretanto, cerca de 33% inferior à registrada em janeiro de 2004 (398 mil), um resultado proveniente do melhor momento pelo qual o mercado de trabalho vem passando.

Como o fechamento de postos de trabalho em janeiro deste ano foi menor do que em igual mês de 2004, o crescimento da ocupação em 12 meses passou de 3,4% em dezembro para 4,1% em janeiro, ficando muito acima da variação registrada em janeiro de 2004 (1,6%), como mostra a Tabela 2.1.

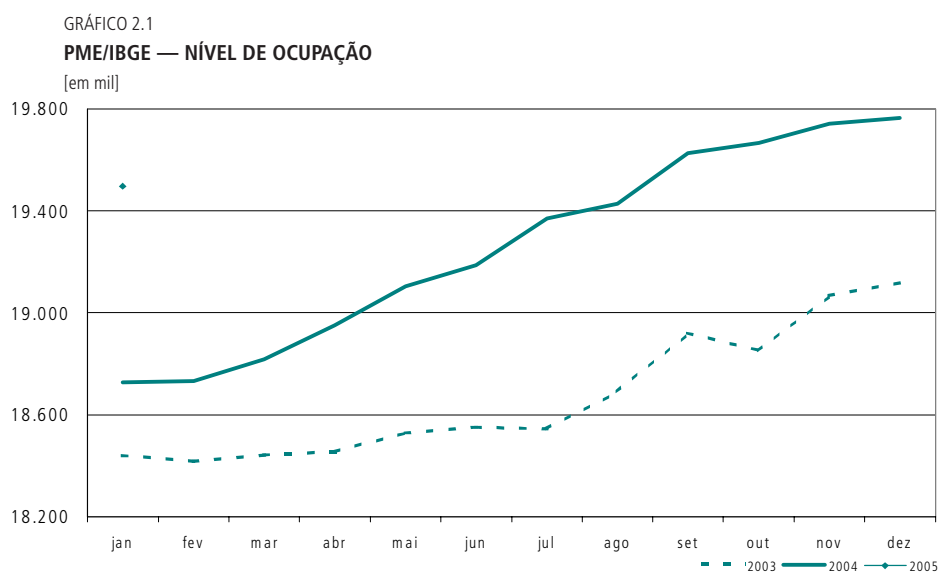


TABELA 2.1  
**PME/IBGE — VARIAÇÃO DO NÍVEL DE OCUPAÇÃO**  
 [em %]

	Período Anterior	Mesmo Período de 2003
Jan./2004	-2,0	1,5
1º Trim. 2004	-1,3	1,8
2º Trim. 2004	1,7	3,1
3º Trim. 2004	2,1	4,0
4º Trim. 2004	1,3	3,7
Jan./2005	-1,4	4,1

Fonte: PME/IBGE. Elaboração: IPEA/DIMAC.

Analisando a distribuição setorial do crescimento da ocupação, a construção civil, que vinha de um período prolongado de perda de vagas, surpreendeu positivamente ao registrar expressiva alta de 7,6% no último trimestre de 2004 — a maior entre todos os setores. Com isso, a variação observada na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, que tinha sido de -2,9% no 3º trimestre, passou para 5,1% no 4º trimestre. Mesmo com a queda de 4,5% registrada em janeiro, esse setor ainda mantém um crescimento anual positivo, da ordem de 0,8%.

Outro setor que merece especial atenção é o de serviços domésticos, que nos três últimos meses de 2004 teve crescimento de 11,1%, na comparação com o mesmo trimestre de 2003. A queda de 2,5% na ocupação do setor em janeiro praticamente não afetou o percentual de crescimento anual, que passou para 10,7%, o maior de todos na comparação anual.

Em relação ao comércio, setor também em expansão, a queda da ocupação no primeiro mês de 2005 não foi capaz de inverter o processo de alta em 12 meses, que subiu de 0,4% no 4º trimestre de 2004 para 3,6% em janeiro deste ano — pois em janeiro do ano passado a queda foi de 4,9%, e em janeiro deste ano de apenas 0,5%.

O desempenho da indústria no 4º trimestre também foi excepcional, pois este é um período em que, normalmente, depois de atendidos os pedidos do comércio para o final do

TABELA 2.2  
**PME/IBGE — VARIAÇÃO NA OCUPAÇÃO POR SETOR DE ATIVIDADE**  
 [em %]

Período	Indústria		Construção Civil		Comércio		Serviços a Empresas		Administração Pública		Serviços Domésticos	
	Período Anterior	Período Ano Anterior	Período Anterior	Período Ano Anterior	Período Anterior	Período Ano Anterior	Período Anterior	Período Ano Anterior	Período Anterior	Período Ano Anterior	Período Anterior	Período Ano Anterior
Jan./2004	-0,3	0,3	-0,7	-0,6	-4,9	1,1	-1,0	4,8	-1,5	0,4	-1,8	6,0
1º Trim. 2004	-1,4	1,2	3,3	0,9	-1,0	0,7	-2,1	3,6	-2,9	1,5	0,5	4,5
2º Trim. 2004	3,0	2,5	-4,5	-3,1	0,3	3,3	4,2	4,8	3,6	4,2	3,7	3,8
3º Trim. 2004	2,9	5,6	-1,0	-2,9	0,1	2,8	2,6	5,4	1,9	4,6	3,8	8,0
4º Trim. 2004	1,0	5,5	7,6	5,1	1,0	0,4	2,1	6,8	-3,1	-0,6	2,6	11,1
Jan./2005	-1,0	4,0	-4,5	0,8	-0,5	3,6	-0,9	7,6	-0,4	1,1	-2,5	10,7

Fonte: PME/IBGE. Elaboração: IPEA/DIMAC.

ano, o número de demissões supera o de contratações. Todavia, em 2004 houve uma elevação de 1% na ocupação nesse período, fazendo com que a variação trimestral atingisse 5,5% na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior. A queda de 1% verificada em janeiro, relativamente a dezembro, foi superior à observada em janeiro do ano passado, fazendo com que a variação anual se reduzisse para 4%. Os setores de comércio, administração pública e serviços a empresas foram os únicos que, na comparação anual, conseguiram registrar aceleração no crescimento da ocupação de dezembro para janeiro.

Como pode ser observado, esse desempenho favorável da ocupação está amplamente disseminado pelos diversos setores da economia e é indicativo da consistência da demanda por mão-de-obra, ancorada atualmente no maior dinamismo do mercado interno e não somente no bom desempenho das exportações.

A desagregação da ocupação segundo a natureza do vínculo empregatício revela um aumento nas ocupações com carteira assinada em 2004 — cerca de 27,5% (75 mil postos de trabalho) superior à soma da variação de vagas sem carteira e dos trabalhadores por conta própria no período.

TABELA 2.3  
PME/IBGE — VARIAÇÃO ABSOLUTA DA OCUPAÇÃO POR VÍNCULOS DO TRABALHO  
[em mil pessoas]

	Com Carteira	Sem Carteira	RJU	Conta-Própria	Total
Jan./2004	-55	-183	-38	-27	-392
1º Trim./2004	-48	-192	-45	41	-302
2º Trim./2004	141	226	52	-155	370
3º Trim./2004	111	130	51	196	438
4º Trim./2004	144	104	2	-77	140
Total 2004	348	268	60	5	646
Jan./2005	-33	-168	-3	-54	-268

Fonte: PME/IBGE. Elaboração: IPEADIMAC.

O mesmo cálculo considerando apenas o setor privado é ainda mais positivo, já que a criação de vagas com carteira assinada superou em 80% (ou 145 mil vagas) a soma de novas ocupações dos trabalhadores sem carteira e por conta própria no mesmo período.

No Gráfico 2.2, que mostra as variações acumuladas em 12 meses, ainda segundo os tipos de vínculo trabalhista, nota-se o nítido crescimento das ocupações com carteira no setor privado ao longo do ano. No sentido oposto, o aumento do contingente de trabalhadores por conta própria experimentou forte desaceleração desde março de 2004, chegando a uma variação anual negativa de 0,4% em janeiro deste ano.

Com isso, a curva de participação dos trabalhadores com carteira do setor privado em relação ao total de ocupados em 2004 ultrapassou em novembro aquela observada em 2003 (Gráfico 2.3). Acompanhando esse ganho de participação dos empregados com carteira do setor privado, também no caso dos trabalhadores domésticos vem ocorrendo uma melhoria na composição entre formais e informais: enquanto a variação em janeiro de 2004, contra janeiro de 2003, tinha sido de -0,8% para os trabalhadores com carteira e de +9,9% para os sem carteira, em janeiro deste ano essa variação anual do número de trabalhadores com carteira foi de +17,8% e, no caso dos sem carteira, de +6,9%.

GRÁFICO 2.2

## PME/IBGE: NÚMERO DE TRABALHADORES SEGUNDO POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO — VARIACÃO EM 12 MESES

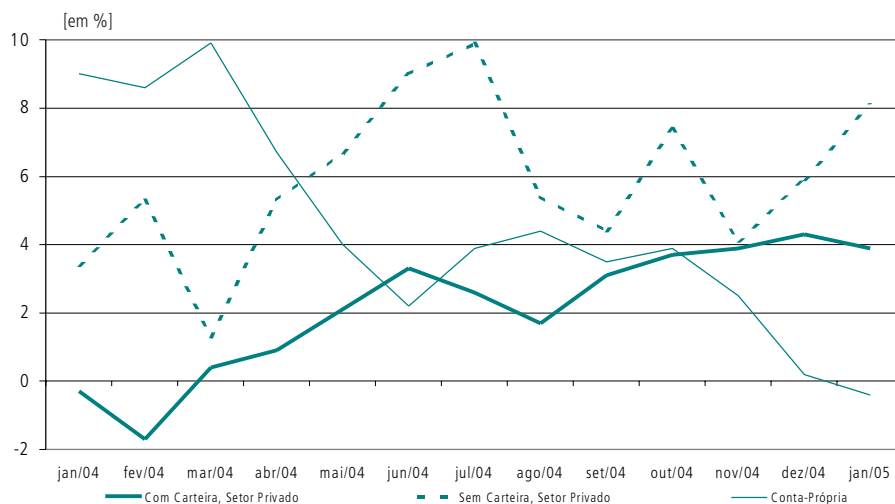
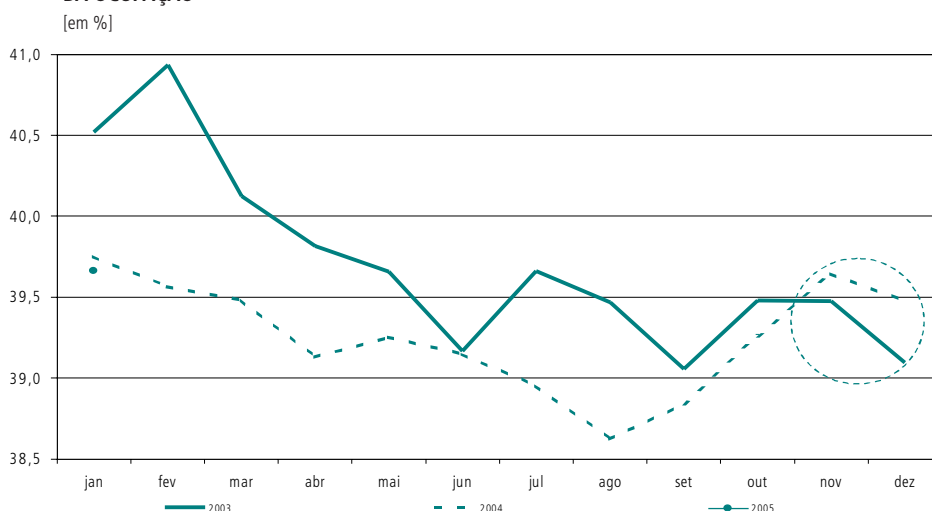


GRÁFICO 2.3

## PME/IBGE — PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES COM CARTEIRA DO SETOR PRIVADO NO TOTAL DA OCUPAÇÃO



Como consequência, enquanto o crescimento do total de ocupações sem carteira<sup>1</sup> em 2003 foi da ordem de 12,6%, em 2004 ele caiu para 6,2%, o que significa uma considerável desaceleração na criação de vagas informais. Considerando então o conjunto desses resultados (setor privado, governo, conta-própria e trabalhadores domésticos), a evolução recente do grau de formalidade<sup>2</sup> do mercado de trabalho foi muito positiva, com esse indicador situando-se, em janeiro deste ano, quase 1 ponto percentual (p.p.) acima do verificado ao iniciar-se o último trimestre de 2004 (passou de 50,7% para 51,6% entre outubro do ano passado e janeiro deste ano).

No que diz respeito à situação do desemprego, o 4º trimestre de 2004 continuou registrando a mesma tendência de queda da taxa de desocupação iniciada em maio, o que a

1. Considerando o setor privado, governo e trabalhadores domésticos.

2. Conceitua-se aqui por grau de formalidade a soma dos trabalhadores com carteira e RJU (estatutários) dividido pelo número total de ocupados.

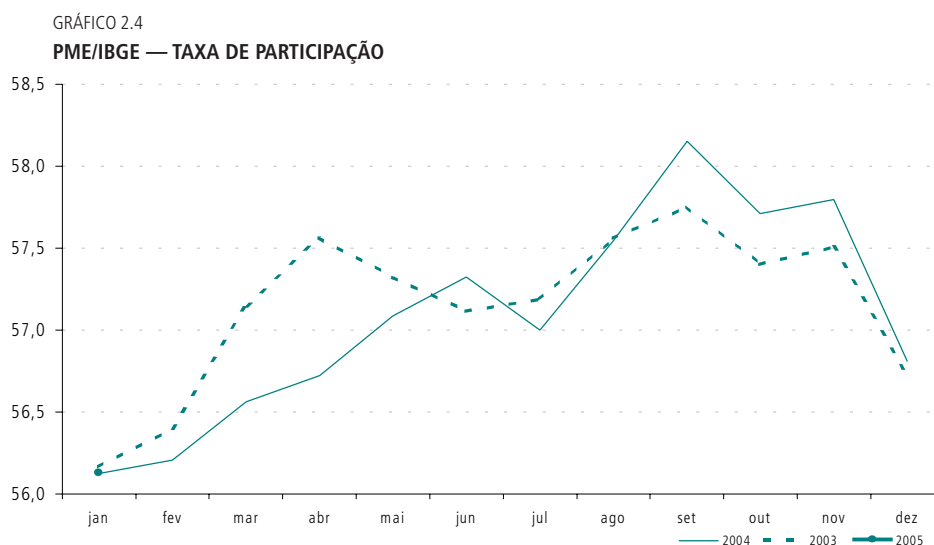
TABELA 2.4  
**PME/IBGE — PIA, PEA E OCUPADOS — TAXAS DE VARIAÇÃO ACUMULADAS EM 12 MESES**  
 [em %]

Meses	PIA	PEA	Total	Empregados do Setor Público	Ocupados		Conta-Própria
					Empregados do Setor Privado		
					Com Carteira	Sem Carteira	
Jan./2004	2,0	2,1	1,7	-2,7	-0,3	3,4	9,0
Fev./2004	1,8	2,2	1,7	0,2	-1,7	5,3	8,6
Mar./2004	1,8	2,8	2,1	0,7	0,4	1,3	9,9
Abr./2004	1,9	3,4	2,7	-0,3	0,9	5,3	6,7
Mai./2004	1,9	2,4	3,1	2,5	2,1	6,7	4,0
Jun./2004	2,3	2,0	3,4	1,6	3,3	9,0	2,2
Jul./2004	2,3	2,6	4,4	6,0	2,6	9,9	3,9
Ago./2004	1,9	2,0	3,9	7,6	1,7	5,4	4,4
Set./2004	2,0	1,4	3,7	2,8	3,2	4,4	3,5
Out./2004	2,0	1,5	4,3	1,2	3,7	7,4	3,9
Nov./2004	2,3	1,8	3,5	0,8	3,9	4,2	2,5
Dez./2004	2,1	1,9	3,4	0,5	4,3	5,9	0,2
Média 2004/2003	2,0	2,2	3,2	1,6	2,0	5,4	4,9
Jan./2005	2,4	2,4	4,1	3,8	3,9	8,1	-0,4

Fonte: PME/IBGE. Elaboração: IPEA/DIMAC.

fez alcançar em dezembro o patamar de um dígito (9,6%).<sup>3</sup> Tal redução representa uma queda considerável, de 3,5 p.p. desde o pico histórico de 13,1% ocorrido em abril passado e redução de 1,3 p.p. em relação a dezembro de 2003.

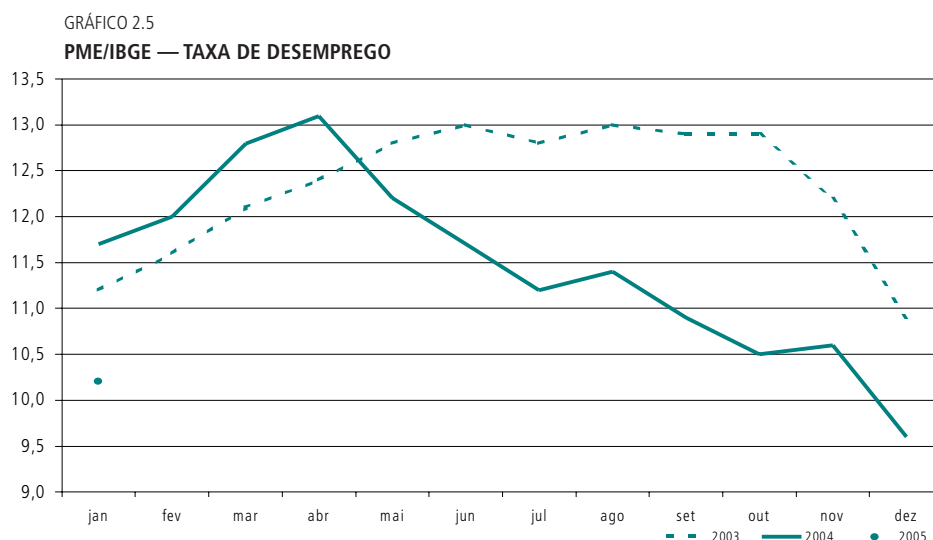
Apesar de o comportamento da taxa de participação ter colaborado, o crescimento contínuo da ocupação em 11 dos 12 meses do ano passado (com exceção de janeiro) foi o maior responsável por essa redução da taxa de desemprego.



3. Menor patamar já registrado da nova série da PME.

Em janeiro de 2005, a elevação sazonal da taxa de desocupação, para 10,2%, se deu, não obstante, de forma mais amena do que o ocorrido em janeiro de 2005, quando houve uma alta de 1,5 p.p. (passou de 10,2% em dezembro de 2003 para 11,7%). Dessa forma, levando em conta as previsões de crescimento da economia para 2005 e o padrão de resposta aos estímulos da produção que o mercado de trabalho vem exibindo nos últimos anos, as expectativas a respeito da sua evolução no 1º semestre de 2005 são otimistas, embora as melhorias que deverão ocorrer talvez se traduzam mais em uma criação maior de vagas formais do que em reduções mais acentuadas na taxa de desemprego, que ainda assim deverá apresentar média anual inferior à de 2004.

Quanto aos rendimentos médios reais habitualmente recebidos, seu crescimento chegou a atingir no ano passado, na comparação anual (isto é, contra igual mês do ano anterior), cerca de 3,2% em setembro (ver Tabela 2.5), mas as quedas de 1,2% e 1,8% em outubro e dezembro fizeram com que essa recomposição chegasse em dezembro reduzida a apenas 1,9% de crescimento, em relação a dezembro de 2003. Já em janeiro houve aumento de 2,2% no valor desses rendimentos, provocado talvez pela própria eliminação de vagas temporárias, típica dessa época do ano, já que essas vagas tendem a exibir rendimentos inferiores à média.



A evolução dos rendimentos reais segundo as categorias de ocupação, mostrada na Tabela 2.5, foi bastante diferenciada ao longo de 2004, sendo a variação média anual em relação a 2003 de -0,7%, bastante influenciada pela queda nos rendimentos dos trabalhadores do setor público.

A recuperação dos rendimentos médios reais dos trabalhadores responde ao crescimento da ocupação com alguma defasagem de tempo, pois no estágio inicial de retomada do dinamismo do mercado de trabalho não só a elevada taxa de desemprego mantém pressionados esses rendimentos, mas também nesse estágio é mais acentuada a contratação de trabalhadores com menor qualificação e nível de remuneração, o que tende a deprimir a remuneração média do conjunto dos ocupados.

Um outro fator que influencia a evolução da média dos rendimentos é a estrutura da ocupação em termos setoriais: se, por exemplo, o emprego passa a crescer mais rapidamente em setores onde os rendimentos são inferiores à média (como a construção civil), o maior

TABELA 2.5  
PME/IBGE — RENDIMENTOS REAIS HABITUALMENTE RECEBIDOS SEGUNDO POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO

Meses	Ocupados				
	Total	Setor Público	Setor Privado		Conta-Própria
			Com Carteira	Sem Carteira	
Jan./2004	-6,2	-5,6	0,3	-2,1	-8,1
Fev./2004	-5,7	-7,6	0,3	-4,8	-5,0
Mar./2004	-2,4	-3,7	0,0	-3,9	3,2
Abr./2004	-3,5	-2,2	-2,9	-4,3	3,2
Maió/2004	-1,4	-1,8	-0,8	2,6	0,0
Jun./2004	-0,4	-2,9	1,1	4,0	-2,5
Jul./2004	2,0	-1,2	2,9	1,1	-2,3
Ago./2004	-0,9	-1,8	-0,9	-2,9	-0,2
Set./2004	3,2	1,2	2,1	0,0	0,0
Out./2004	2,6	0,5	1,6	-1,5	6,4
Nov./2004	2,6	0,2	0,2	4,4	3,9
Dez./2004	1,9	2,5	0,1	4,9	0,7
Média 2004/2003	-0,7	-1,9	0,3	-0,2	-0,2
Jan./2005	2,2	4,1	-1,3	9,6	-1,1

Fonte: PME/IBGE. Elaboração: IPEA/DIMAC.

peso que esses setores passam a ter no conjunto da ocupação pode atrasar a recuperação dos rendimentos médios. Contudo, se o processo de crescimento da ocupação continuar a se dar de forma sustentada, a queda da taxa de desemprego, melhorando as condições de barganha dos trabalhadores, junto com a ampliação das contratações mais qualificadas tenderão a prevalecer sobre possíveis efeitos de alterações na composição setorial, levando a aumentos mais definidos dos rendimentos médios. O mesmo efeito terá a confirmação de uma inflação menor em 2005.

Dentro desse raciocínio, se as possibilidades mais otimistas se confirmarem e os rendimentos médios reais evoluírem em 2005 de forma ainda mais favorável que no ano passado, as perspectivas de crescimento da massa salarial serão realmente extraordinárias, uma vez que em 2004, para um crescimento médio anual de cerca de 3,5%, a variação na margem alcançou, em dezembro, 7,5%.<sup>4</sup>

A Tabela 2.6 mostra um resumo dos principais indicadores analisados, considerando suas médias anuais em 2003 e 2004. Levando-se em conta esse conjunto de resultados, pode-se afirmar que o desempenho do mercado de trabalho em 2004 foi excelente. Deve-se ter presente que essas médias são o produto de um início de ano ainda muito afetado pela retração de 2003, com os melhores resultados, especialmente no que diz respeito ao grau de formalidade e à massa salarial, ocorrendo somente ao final do ano, o que permite esperar uma evolução ainda mais favorável em 2005.

4. Considerando-se os rendimentos efetivamente recebidos.

TABELA 2.6  
**PME/IBGE: PRINCIPAIS INDICADORES — RESULTADOS MÉDIOS ANUAIS — 2003-2004**

	Nível de Ocupação <sup>a</sup>	Taxa de Desemprego	Grau de Formalidade <sup>b</sup>	Rendimentos Reais Efetivamente Recebidos <sup>c</sup>	Massa Salarial <sup>d</sup>
2003	18.669	12,30%	51,6	R\$ 945,86	R\$ 17.661
2004	19.260	11,50%	51,0	R\$ 948,14	R\$ 18.272
Varição	3,20%	-0,8 p.p.	-0,6 p.p.	0,20%	3,50%

Fonte: PME/IBGE. Elaboração: IPEA/DIMAC.

<sup>a</sup> Em mil pessoas.

<sup>b</sup> (Trabalhadores com carteira + militares/PTU)/total de ocupados.

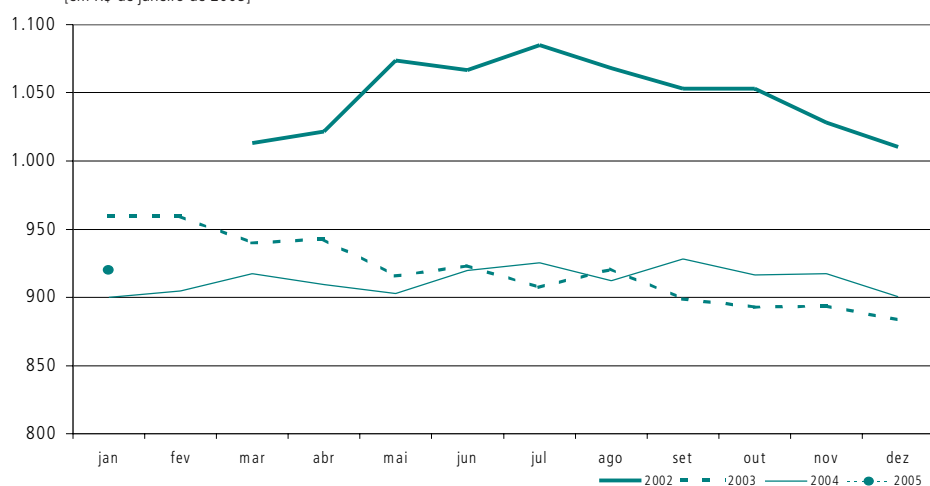
<sup>c</sup> Em R\$ de janeiro de 2005.

<sup>d</sup> Em R\$ milhões de janeiro de 2005.

GRÁFICO 2.6

**PME/IBGE — RENDIMENTOS REAIS HABITUALMENTE RECEBIDOS**

[em R\$ de janeiro de 2005]



Dessa forma, assegurada a continuidade do crescimento da ocupação e da queda da taxa de desemprego, a trajetória dos rendimentos médios reais e a evolução da qualidade dos vínculos de trabalho gerados deverão ser as principais questões do mercado de trabalho a demandar a atenção dos analistas nos próximos meses.